EM BUSCA DO

Às vésperas do Grande Prêmio Brasil, a corrida de cavalos mais prestigiada do país, o Jockey Club procura alternativas para garantir seu futuro em meio à decadência do turfe

LETÍCIA PIMENTA

Todos os anos, uma seleta plateia se reúne no Hipódromo da Gávea para celebrar as glórias do turfe brasileiro. Trata-se do Grande Prêmio Brasil, a corrida de cavalos mais importante do país, acompanhada por senhores de terno e gravata e senhoras que ostentam chapéus como se estivessem em Ascot, a pista britânica que recebe a competição mais chique do mundo. Tem sido assim desde 1933 e não será diferente no domingo (1º), quando acontece a prova de 2010. O prêmio distribuído será o maior da história, de 400 000 reais, o dobro do valor pago no ano passado. Para reviver o glamour de outrora, quando a tribuna de honra recebia presidentes, empresários e todo tipo de celebridade, a direção do Jockey Club Brasileiro decidiu vestir garçons, recepcionistas e demais funcionários à moda da década de 30. Apesar de vistosa, toda essa movimentação representará apenas um momento fugaz, uma tarde de festa em meio a uma realidade decadente. Assim que os animais forem recolhidos às cocheiras, o suntuoso conjunto arquitetônico voltará à triste rotina de salões vazios e público rarefeito. Nos outros dias do ano, as velhas arquibancadas com vista para a Lagoa Rodrigo de Freitas e os gui-



Hipódromo da Gávea: prêmio de 400 000 reais e tentativa de reviver as glórias do passado

GLAMOUR PERDIDO

chês serão novamente ocupados pelos seus habituais frequentadores: um punhado de aposentados. Nada de luxo, sofisticação nem vestimentas de grife. Esporte de paixões arrebatadoras, que despertava euforia e depressão, o turfe agoniza. "Sinto-me como se estivesse tratando de um doente terminal", reconhece o presidente do Jockey, Luís Eduardo da Costa Carvalho. "Entre 2002 e 2009, o volume de apostas caiu 30%."

Instalado em um belo conjunto tombado de 600 000 metros quadrados, onde sobressaem construções em estilo Luis XV projetadas pelo arquiteto Francisco Couchet, o Jockey Club é uma das mais respeitadas instituições cariocas. De certa forma, sua história se confunde com a da cidade — e a do país. Em quase oito décadas de existência, esse cenário foi palco de episódios memoráveis. Na prova de 1954, o presidente Getúlio Vargas, um fanático pelas corridas, foi vaiado ao chegar de Rolls-Royce pela pista central. Passados vinte dias, cometeria suicídio com um tiro no coração no Palácio do Catete. Anos depois, Juscelino Kubitschek deixaria centenas de convidados em um banquete no Salão das Rosas boquiabertos com sua eloquência em um longo discurso de improviso. Além das corridas, uma série de eventos correlatos movimentava a vida mundana da cidade, como o concorridíssimo baile a rigor Nuit de Longchamps, que costumava render pelo menos uma semana de notícias nas colunas sociais. "Foi um período maravilhoso, que não volta mais", recorda o advogado Dagoberto Midosi, 93 anos, contumaz apostador que afirma ter assistido a todos os GPs, desde a primeira prova. "O turfe está esquecido. Não se fala mais sobre o esporte, a não ser aqui dentro."

Como um velho aristocrata à beira da falência, o Jockey

OS NÚMEROS DO JOCKEY

Sediado na Gávea, o clube foi criado em 1926 por Lineu de Paula Machado

Área
600 000 metros quadrados

Funcionários **540**

Sócios **5 800**

Valor do título **15 000** reais

Valor da transferência do título **30 000** reais

Receita anual
76 milhões de reais

Déficit mensal
1,3 milhão de reais

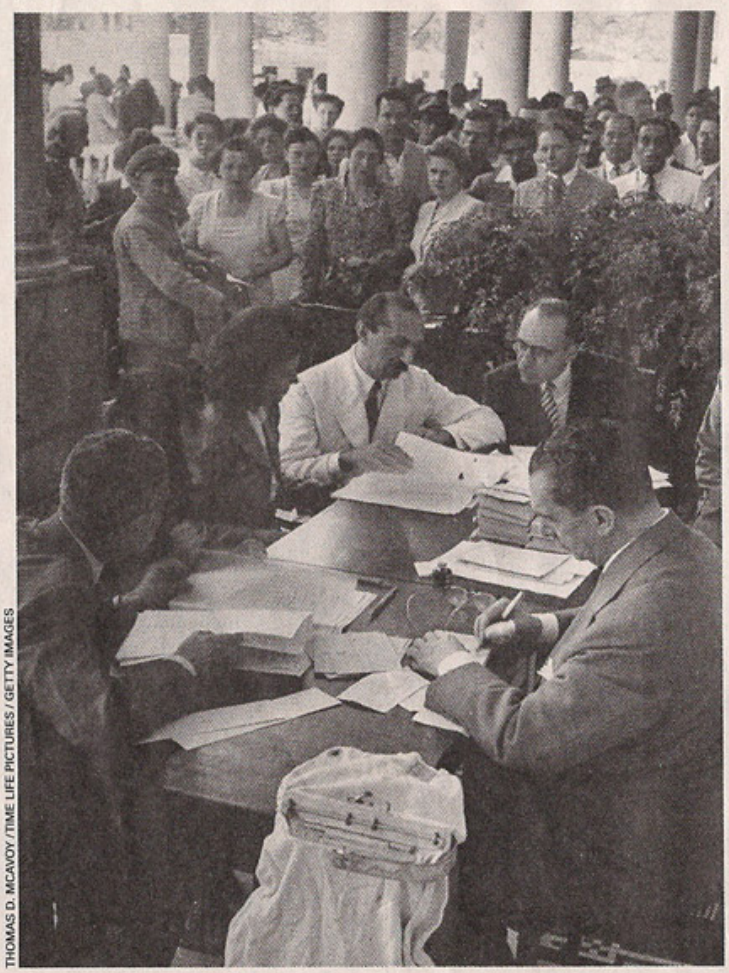


ACERVO JOCKEY CLUB BRASILEIRO

encontra-se dividido entre os resquícios de seu passado opulento e a dura realidade do presente. Para fazer parte do grupo de 5 800 associados é preciso pagar 15 000 reais por um título, que só pode ser comprado de outro membro — a direção não os coloca mais à venda. Além disso, o postulante tem de arcar com uma taxa de 30 000 reais para a transferência. O estatuto também exige que os demais sócios aprovem a solicitação, e o risco, nesse caso, é o pretendente ser laureado com uma vergonhosa bola preta. Quem entra o faz principalmente para aproveitar as instalações esportivas na sede da Lagoa e o estacionamento do prédio do clube, localizado no centro da cidade. Razão de ser da agremiação, ironicamente, o turfe responde hoje por apenas 10% do quadro social. Do faturamento anual de 76 milhões de reais, a maior parte provém do aluguel do espaço para eventos. Ainda assim, o déficit mensal gira hoje em torno de 1,3 milhão de reais. Ao assumir o posto, em 2008, Luís Eduardo Carvalho realizou uma dura política de ajustes. O quadro de funcionários foi reduzido em 20%, a locação para festas e recepções aumentou e o desconto nas mensalidades deixou de existir. Até aqui, o esforço foi insuficiente. No ano passado, a instituição recorreu ao governo federal para amortizar o pagamento de uma dívida de 40 milhões de reais e atualmente negocia com a prefeitura uma isenção de IPTU. Recentemente, foi ameaçada de voltar a pagar o imposto por não cumprir as exigências de manutenção dos prédios tombados. "Nossa sobrevivência depende de medidas duras. Não há alternativas", lamenta Carvalho.

De forma paradoxal, a má fase do maior ícone do hipismo carioca coincide justamente com um período de evolução da criação de cavalos no país, com os animais brasileiros competindo de igual para igual no exterior. Hoje, diversos profissionais e crias daqui estão espalhados pelos grandes centros do esporte no mundo. "A lógica é a mesma dos jogadores de futebol", compara o criador Lineu de Paula Machado, cujo sobrenome se mistura com a origem e trajetória do Jockey Club. Foi seu avô que fundou o clube, em 1926. Do centenário haras de sua família saiu, nos anos 80, o premiado Itajara, que atraía multidões às pistas a cada prova que disputava. Hoje, quem busca performances espetaculares dos garanhões brasileiros precisa viajar — mais especificamente para os Emirados Árabes, Singapura e outros redutos de milionários emergentes onde as corridas ainda são uma forte paixão. Foi no hipó-

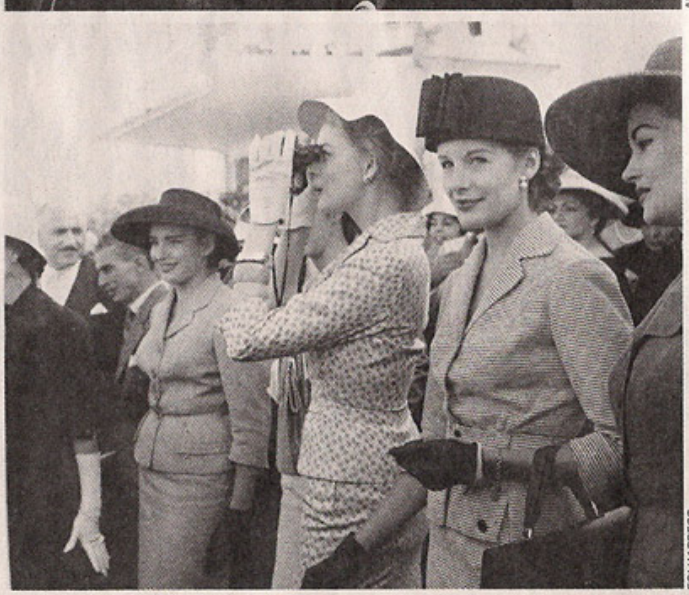
No passado, o local reunia a nata da política e da sociedade brasileira. Em sentido horário, o presidente Juscelino Kubitschek ao lado do presidente do clube, Mário Ribeiro, em 1957; jovens assistindo à prova no mesmo ano; e eleições realizadas em 1946



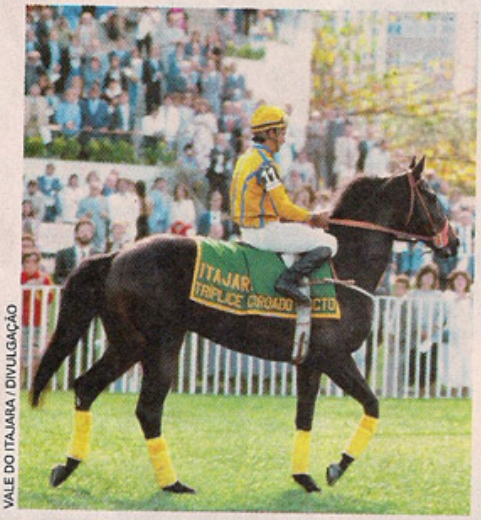
THOMAS D. MCAVOY /TIME LIFE PICTURES / GETTY IMAGES



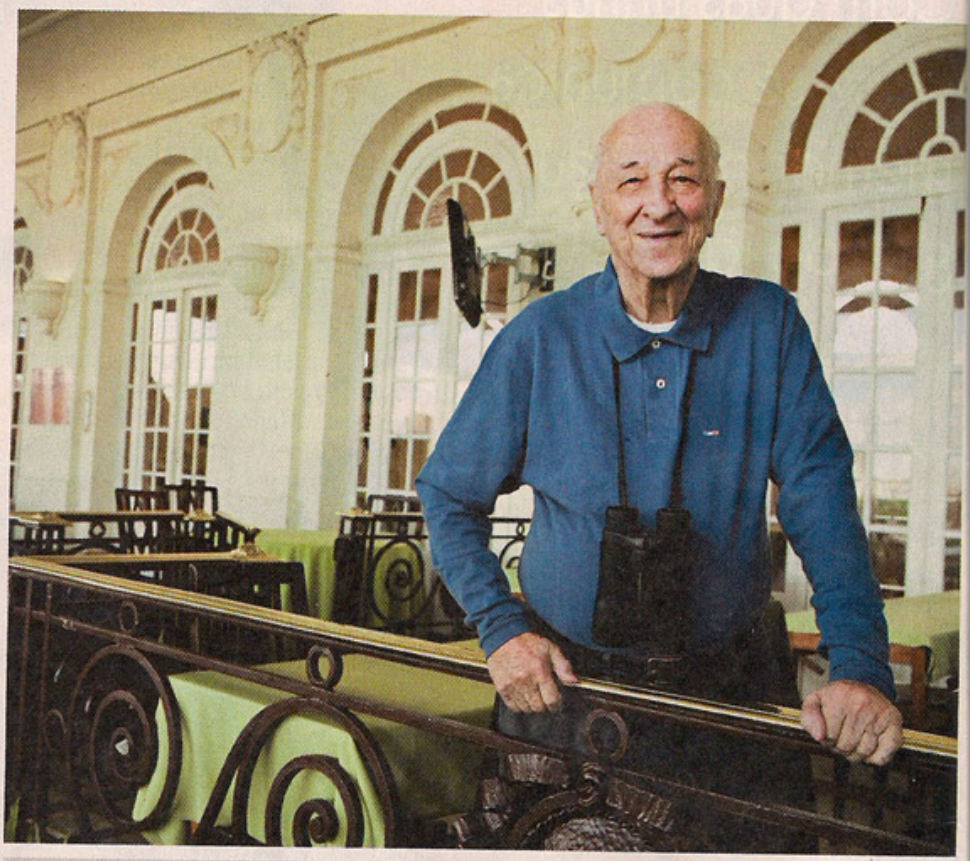
ARQUIVO/O GLOBO

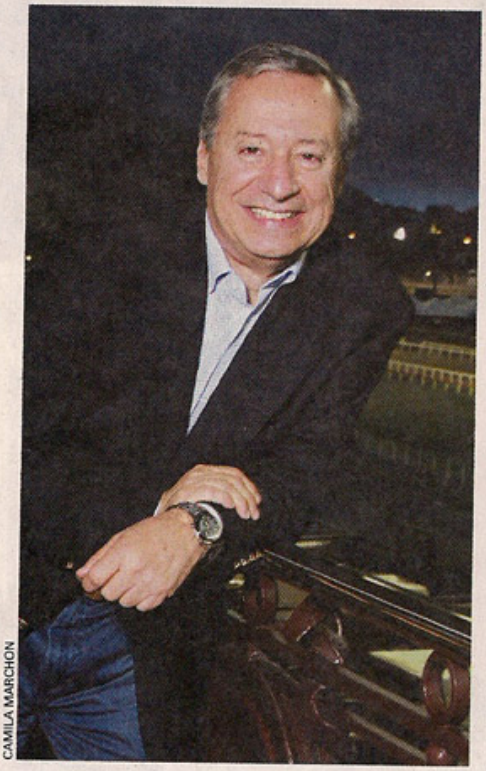


FOLHAPRESS



VALE DO ITAJARA / DIVULGAÇÃO





CAMILA MARCHON

Em sentido horário, a partir da esquerda: o cavalo Itajara, que atraía multidões à Gávea; o advogado Dagoberto Midosi, testemunha dos 77 GPs disputados no hipódromo; salões de apostas vazios; e o presidente Luís Eduardo da Costa Carvalho



FOTOS FERNANDO LEMOS

dromo de Dubai, por exemplo, que Glória de Campeão, conduzido pelo jóquei brasileiro Tiago Josué Pereira, conquistou o maior prêmio mundial já concedido, de 10 milhões de dólares. O dono do puro-sangue, Stefan Friborg, um empresário sueco radicado no Rio, começou o seu plantel a partir de uma cocheira na Gávea.

O marasmo que toma conta das arquibancadas e dos salões não é um fenômeno local. Em São Paulo, Porto Alegre e Curitiba, a situação é semelhante. Na verdade, a atividade passa por uma reformulação lá fora também. Em países como México, Argentina e Uruguai, o ânimo acabou voltando graças à implantação de novas modalidades de apostas, que são feitas em paralelo aos páreos. Nesses lugares, os hipódromos foram autorizados a manter novos formatos de jogo operados por empresas privadas especializadas, o que contribuiu para o rejuvenescimento do perfil do público. É justamente essa bala de prata que Carvalho sonha usar para recuperar as finanças da instituição carioca. Há dois anos tramita na Secretaria de Acompanhamento Econômico do Ministério da Fazenda (SAE) um pedido para a introdução de novidades no Jockey, a exemplo de uma loteria baseada na numeração dos cavalos, conhecida como *sweepstake*. A medida, que não tem prazo para ser apreciada, pode beneficiar os outros três hipódromos do país e uma cadeia que, segundo os dados da Fundação Getulio Vargas, envolve 13 000 pessoas e movimenta cerca de 235 milhões de reais por ano. Embora a fase econômica atual seja frágil, nem todos os associados veem as mudanças com simpatia. "Sou absolutamente contra. Trata-se de uma instituição sem fins lucrativos e não acho que esteja tão deficitária a ponto de partir para esse tipo de estratégia", provoca o empresário Luiz Dannemann, sócio e criador. O fato concreto, porém, é que o prestigiado clube do passado se encontra diante de um dilema: ou resolve sua situação financeira ou os momentos de glória permanecerão restritos a uma tarde por ano. ■